

OS SENTIDOS DO TRABALHO DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO¹

Maria Fernanda Diogo*

RESUMO. À luz da perspectiva histórico-dialética, este artigo busca refletir sobre alguns sentidos de ser trabalhadora do setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços. O método de análise é progressivo-regressivo, destacando a objetivação das subjetividades e resgatando a particularidade no universal, numa dimensão que envolve passado, presente e futuro. Na gênese da busca desta profissão está, a necessidade econômica aliada à baixa escolaridade. Nos sentidos cotidianamente atribuídos ao trabalho destacaram-se aspectos desvalorizantes, contudo este demonstrou ser importante e central na vida destas mulheres. Sua positividade esteve associada ao sentido de “ser trabalhadora”, ou seja, possuir um emprego amparado pela legislação trabalhista, deste prover o sustento familiar, e também, pelo trabalho propiciar contatos sociais extradomésticos amistosos. Quanto à dimensão de futuro, esta profissão foi sentida como pouco atrativa, e a mudança de emprego ocorre, na maioria dos casos, se surgir outra possibilidade de inserção profissional.

Palavras-chave: trabalho, sentidos do trabalho, perspectiva histórico-dialética.

SIGNIFICANCE IN CLEANING AND CONSERVATION ACTIVITIES

ABSTRACT. Based on the historical and dialectic perspective, current essay reflects on the meaning of working in cleaning and conservation services in a service firm employing female labor. The progressive-regressive analysis highlights the objectification of subjects and recovers particularities within the universal factor, involving past, present and future dimensions. Choice has been motivated by economical need and poor schooling. Devaluating aspects have been enhanced within the meanings commonly given to this type of labor, even though it is important and central in the lives of these female laborers. Positiveness exists due to the fact of being a laborer, or rather, having a job backed by labor laws and thus providing for family maintenance. Job favors social and friendly contacts outside the home. With regard to the future, such a profession showed itself to be less attractive and a change of job surely occurs when another opportunity of professional insertion comes in the way.

Key words: Labor, sense of labor, historic and dialectic perspectives.

LOS SENTIDOS DEL TRABAJO DE LIMPIEZA Y CONSERVACIÓN

RESUMEN. A la luz de la perspectiva histórico-dialéctica, este artículo busca reflexionar sobre algunos sentidos de ser trabajadora del sector de limpieza y conservación en una empresa prestadora de servicios. El método de análisis es progresivo-regresivo, destacando la objetivación de las subjetividades y rescatando la particularidad en lo universal, en una dimensión que envuelve pasado, presente y futuro. En la génesis de la búsqueda de esa profesión está, la necesidad económica aliada al bajo nivel de escolaridad. En los sentidos cotidianamente atribuidos al trabajo se destacaron aspectos desvalorizantes, sin embargo éste se demostró importante y central en la vida de estas mujeres. Su positividad está en el sentido de “ser trabajadora”, es decir, tener un empleo amparado por la legislación laboral y de este modo proveer el sustento familiar, y también en el hecho de que el trabajo brinda contactos sociales extradomésticos amistosos. En cuanto a la dimensión de futuro, esta profesión fue sentida como poco atractiva, y ocurre el cambio de empleo, en la mayoría de los casos, si surge otra posibilidad de inserción profesional.

Palabras-clave: trabajo, sentidos del trabajo, perspectiva histórico-dialéctica.

¹ Apoio: Capes.

* Mestre em Psicologia pela UFSC. Professora substituta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

A conceituação deste estudo está fundamentada numa abordagem histórico-dialética, compreendendo cada sujeito como ser social e histórico, produto e produtor do contexto no qual está inserido. Esta é uma perspectiva relacional, pois considera que cada um se constitui *na relação* com as pessoas e com o mundo, numa dimensão que envolve passado, presente e futuro (Sartre, 1960/1987)². Assim, a constituição dos sujeitos encontra-se sustentada por determinadas condições materiais, sendo o psiquismo resultado da atividade das pessoas no âmbito das relações sociais: para compreender o ser humano é necessário pesquisar como ele se constitui no contexto sociocultural. Nas palavras de Marx e Engels (1845/46/1981, p. 26), “Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência”.

A *atividade mediada* é ferramenta fundamental para a compreensão da constituição de um sujeito (Vygotski, 1930/1994). A noção de mediação supera dicotomias como interno/externo, objetivo/subjetivo, e destitui visões naturalizantes, possibilitando uma análise das determinações incidentes em um sujeito inseridas num processo dialético. O ser humano só o é em relação, sendo que sua entrada no universo da comunicação, no universo semiótico ou da significação, é mediada pelo outro. Ao nascer, toda criança traz consigo alguns comportamentos inatos ligados à sua estrutura biológica, contudo ela encontra um sistema preexistente, criado através de gerações, que é por ela assimilado por meio das inter-relações sociais. Em suma, cada criança, nesta perspectiva, é um ser biológico que se constitui como sujeito através desta complexa rede de inter-relações. Este processo pode ser apreendido em termos da relação dialética entre objetividade e subjetividade. “Ou seja, a realidade objetiva vivida pelo indivíduo se torna subjetiva, a qual por sua vez se objetivará por meio de suas ações” (Lane, 1995, p. 55).

² No decorrer deste trabalho também foram citados autores que pertencem a outras matrizes epistemológicas ou possuem outras concepções ontológicas, tais como Arendt, Dejours e Sartre. Estas citações têm o objetivo de enriquecer a análise realizada, não cabendo, no contexto deste artigo, tecer comentários sobre as aproximações e antagonismos entre suas teorias e a matriz histórico-dialética. Para análise das entrevistas utilizei-me do método progressivo-regressivo (Sartre, 1960/1987). Por ser dialético e buscar a compreensão do sujeito numa perspectiva histórica, este método vem ao encontro da lógica que orienta o processo de investigação desta pesquisa.

Faz-se importante ressaltar que não somos pura “produção social”. A sociedade não está “acima” dos indivíduos, mas sim, é constituída por eles. A concepção de sujeito aqui exposta pressupõe um *ser ativo*, capaz de tomar decisões e se orientar. No decurso do desenvolvimento, o indivíduo passa de uma relação interpessoal para o controle e planejamento intrapessoal da sua atividade (Vygotski, 1930/1994), tornando-se capaz de influir na sua sociedade: somos todos *produtos e produtores* do nosso contexto social.

A teoria sartreana também pressupõe este caráter ativo do sujeito. Para Sartre (1960/1987), as pessoas fazem suas escolhas em relação às condições objetivas, ou seja, em face do *campo dos possíveis*, realizando algumas opções e excluindo outras, que julguem menos convenientes. O autor complexifica o pensamento marxiano, enunciado no início deste artigo, descrevendo que o sujeito é, ao mesmo tempo, produto de seu próprio produto e um agente histórico que não pode ser confundido com um produto.

... os homens [seres humanos] fazem a sua história sobre a base de condições reais anteriores (entre as quais se devem contar os caracteres adquiridos, as deformações impostas pelo modo de trabalho e de vida, a alienação etc), mas são eles que a fazem e não as condições anteriores: caso contrário eles seriam os simples veículos de forças inumanas que regeriam, através deles, o mundo social. Certamente, estas condições existem e são elas, apenas elas, que podem fornecer uma direção e uma realidade material às mudanças que se preparam; mas o movimento da práxis humana supera-as conservando-as (Sartre, 1960/1987, p. 150)

O campo dos possíveis compreende também uma dimensão de futuro, dimensão esta vinculada à busca constante de superação em relação às condições objetivas. Sartre (1960/1987) denomina *projeto* este movimento em direção ao que ainda não é. “Simultaneamente fuga e salto para frente, recusa e realização, o projeto retém e revela a realidade superada, recusada pelo movimento mesmo que a supera” (p. 152).

Em suma, o enfoque histórico-dialético afirma que a vida em sociedade determina, de alguma maneira quem somos, a forma como pensamos e sentimos o mundo e as escolhas que fazemos. A constituição de um sujeito é mediada pelos signos sociais, isto é, cada pessoa é constituída pela objetividade, mediada pela subjetividade: nem puro objeto, nem sujeito absoluto (Maheirie, 2003).

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DO TRABALHO: CENTRALIDADE E RECONHECIMENTO

A *práxis* humana é mediada socialmente e, nesta vertente teórica, o trabalho toma lugar como uma categoria fundante do ser humano e de suas formas de sociabilidade. O trabalho participa ativamente da construção da psique, pois o sujeito se constitui pelo seu fazer, pela sua atividade e pela concepção que tem a respeito desta. Para compreender os sentidos que este adquire na vida das pessoas é importante estudar os meandros desta mediação e definir a base epistemológica que conceitua e define a análise. Este estudo orienta-se pela perspectiva vygotskiana para compreender as dimensões do coletivo e do singular na mediação semiótica.

Por consiguiente, el sentido de la palabra es siempre una formación dinámica, variable y compleja que tiene varias zonas de estabilidad diferente. El significado es solo una esas zonas del sentido, la más estable, coherente y precisa. La palabra adquiere su sentido en su contexto y, como es sabido, cambia de sentidos en contextos diferentes. Por el contrario, el significado permanece invariable y estable en todos los cambios de sentido de la palabra en los distintos contextos. Las variaciones de sentido representan el factor principal en el análisis semántico del lenguaje (Vygotski, 1935/1992, p. 333)

Essa distinção na obra vygotskiana coloca a questão da existência de um *duplo referencial semântico* intrínseco aos processos de significação: um formado pelos sistemas construídos socialmente, relativamente fixo, e outro formado pela experiência pessoal e social de cada indivíduo, mais dinâmico e mutável (Pino, 1993).

Basso (1998) define *significado* como a generalização e a fixação da prática social humana, e *sentido* como a razão, como o motivo que incita o sujeito a realizar uma ação. Segundo o autor, a divisão social do trabalho instituída na sociedade capitalista separou o trabalho da sua concepção e, conseqüentemente, gerou a ruptura entre o significado e o sentido da ação. Sob relações sociais de dominação, significado e sentido, cindidos, afastam-se um do outro, tornando a ação e o trabalho alienados.

Alienado ou não, o trabalho ocupa posição central de análise na perspectiva teórica desenvolvida neste estudo. O papel de centralidade encontra-se no caráter produtivo, no trabalho social e coletivo, capaz de criar valores de troca e gerar mais-valia (Antunes, 1999). Mesmo ciente do debate sobre a perda da centralidade

desta categoria (Habermas, 1976/1990; Offe, 1984/1989), reafirma-se aqui seu papel fundante do sujeito e de suas formas de sociabilidade, afinal a base da sociedade está alicerçada no trabalho humano, trabalho este que está "... incorporado ao objeto sobre que [o sujeito] atuou" (Marx, 1867/1998, p. 214), ou seja, o produto contém o trabalho nele empregado.

O trabalho não se limita à execução de uma atividade técnica: ele se transforma no ser daquele/a que o exerce e pode determinar a qualidade das suas relações sociais. É importante analisar a articulação entre as suas dimensões subjetivas e objetivas, articulação esta que pressupõe reciprocidade, interdependência e interação entre aspectos psicológicos e estruturais fundantes de dado contexto (Jacques, 1996).

Para Dejours (1999), o sentido do trabalho vincula-se ao estabelecimento de uma *dinâmica de reconhecimento*. Esta propiciaria uma vivência de satisfação, equilibraria a relação prazer/desprazer, e manteria a mobilização do/a trabalhador/a pró-trabalho. Merlo (2002) aponta que o/a trabalhador/a espera da empresa uma retribuição que não se resume ao salário ou a um prêmio, espera um *juízo de utilidade*, ou seja, o/a trabalhador/a deve obter reconhecimento porque seu trabalho é útil dos pontos de vista econômico, científico, técnico etc. Já os colegas de profissão entendem do *métier* e estão aptos a realizar um *juízo de beleza* baseado em critérios práticos e estéticos. Estas vivências são fundamentais para a manutenção da saúde mental, pois ressignificam o sofrimento envolvido no ato laboral em ações e criações reconhecidas no espaço público em prol da construção de uma identidade pessoal e social.

MÉTODO

Para compreender os sentidos do trabalho para mulheres que exercem atividades de limpeza e conservação foi realizada uma *pesquisa de campo* de metodologia *qualitativa*, na forma de *estudo de caso*. O procedimento para a coleta de informações foi o de *entrevistas individuais semi-estruturadas*, utilizando um roteiro orientador para as questões. Há uma relação dialética permanente entre o trabalho de campo e o referencial adotado para interrogar os sujeitos; deste modo, as entrevistas revestiram-se de uma natureza interpessoal e objetivaram captar as dimensões objetivas e subjetivas que constituíam cada sujeito. As entrevistadas foram seis trabalhadoras assalariadas do setor de limpeza e conservação de uma empresa prestadora de serviços. Todas prestavam serviços para a mesma empresa-cliente, uma instituição de ensino localizada na Região Metropolitana de Florianópolis - SC.

Para análise das entrevistas foi utilizado o *método progressivo-regressivo* (Sartre, 1960/1987). Este busca compreender as ações dos sujeitos em relação à objetividade, mesmo que os próprios sujeitos não consigam se reconhecer em suas objetivações. “O movimento de compreensão é simultaneamente progressivo (em direção ao resultado objetivo) e regressivo (remoto em direção à condição original)” (Sartre, 1960/1987, p. 178-179). O método realiza um movimento dialético que vai da singularidade à universalidade e retorna a esta singularidade, numa perspectiva histórica. A singularidade não se opõe à coletividade, elas são, ao mesmo tempo, a afirmação e a negação uma da outra. Assim, procurei captar nas falas ou em outras formas de objetivação dos sujeitos o caráter multidimensional dos fenômenos e os diferentes sentidos das experiências vividas, buscando a compreensão entre o indivíduo e seu contexto.

Por ser histórico, este método integra as dimensões do passado, presente e futuro. Estas formam um todo indissociável: o passado é o que já foi, situa e orienta o sujeito no mundo; o presente é a relação vivenciada sujeito/mundo; o futuro é o que ainda não é, está representado pelo projeto e transmite ao sujeito possibilidades de vir a ser.

Os sujeitos não podem ser tomados de forma isolada ou fixa, “... mas apreendidos no seu processo de desenvolvimento real em condições determinadas, desenvolvimento este que é visível empiricamente” (Marx & Engels, 1845/46/1981, p. 26). O processo de conhecimento, quando se quer ir além da aparência, não se limita à sua dimensão imediata: este só se torna possível realizando-se mediações, construindo-se e reconstruindo-se a realidade através de sínteses e análises (Diogo & Coutinho, 2006). Para captar os sentidos que estas mulheres atribuíam ao seu trabalho busquei a compreensão das suas histórias e ações – ou impossibilidades de ações – ante as condições objetivas que se apresentavam em seus passados, que são vivenciadas em seus cotidianos, seus projetos futuros e como elas significaram e significam esta objetividade. Os resultados e a discussão, apresentados na seqüência, foram organizados em três momentos: 1) a gênese desta escolha; 2) os sentidos do trabalho cotidiano; e 3) a dimensão de futuro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A gênese desta escolha

Os fatores *necessidade* e *baixa escolaridade* foram as principais motivações narradas para ingressar nessa área, ambos relacionados à *privação* e à

carência. De diversas maneiras, todas narraram que começaram a trabalhar com limpeza porque necessitavam de uma atividade remunerada para ajudar no sustento da sua família e a baixa escolaridade limitou suas possibilidades de escolhas. Em alguns discursos, o início nesta profissão foi associado à vergonha e a sentimentos depreciativos ligados à percepção de estar realizando um trabalho pouco prestigiado e socialmente desqualificado, sentido por vezes como degradante e humilhante.

“Eu procurei lugares melhor do que a limpeza, tá, mas só que tem que ter o segundo grau, né. (...) Ai, eu vou tentar [iniciar na área de limpeza e conservação], quem tá parado, a gente não pode escolher” (Laura³, 35 anos, casada, 1 filha, ensino médio completo).

“É, vergonha [em trabalhar como servente]. (...) Eu tinha o quê, vinte e cinco, vinte e seis anos. Aí depois a gente se acostuma, a gente só tem vergonha um mês só, aí a gente se acostuma” (Joana, 42 anos, divorciada, 5 filhos, ensino médio incompleto).

Todas as entrevistadas consideraram que um bom nível de escolaridade é a porta de acesso para uma melhor condição de trabalho e de vida. Algumas buscaram adquirir maior grau de instrução cursando supletivo com o propósito de conquistar um emprego considerado “melhor”. É perceptível em seus discursos que voltar aos bancos escolares estimulou a percepção, a imaginação e a reflexão pela mediação do conhecimento: abriu novas perspectivas, possibilitou outras formas de ver o mundo, permitiu a gestação de projetos e estimulou nelas o desejo de transformar seus contextos profissionais e pessoais. Desta forma, o esforço vinculado à realização do supletivo, que veio somar-se ao da dupla jornada cotidiana de trabalho, adquiriu um *sentido positivo*, transcendendo seu aspecto de “ferramenta” na busca de um emprego considerado “melhor”.

“[Ao estudar] A tua cabeça abre, você busca mais sabedoria, sei lá, a tua vida, assim, muda totalmente, não é? (...) São muitas matérias, então aquilo, tu muda, renova, outra pessoa. (...) E eu ainda tenho vontade de voltar ainda a estudar, de tanto que eu gostei” (Laura).

³ Os nomes são fictícios. Todas as interferências realizadas pela pesquisadora estão colocadas entre colchetes.

Os sentidos que estão na gênese da escolha desta profissão repercutem naqueles atribuídos cotidianamente à atividade. Assim, faz-se importante conhecer quais os sentidos que o sujeito atribui ao trabalho que executa.

Os sentidos do trabalho cotidiano

Dentre os sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação, destaca-se o “costume”, observado nas recidivas narrativas de que este é de “fácil realização”, muito semelhante ao serviço doméstico – serviço este bem conhecido destas mulheres através de anos de treinamento informal. As tarefas que compõem este trabalho não trazem perspectiva de aprendizado ou crescimento profissional, nem constituem uma variedade tal que permitam desenvolver um amplo leque de habilidades.

“Peguei o serviço, que é dois toque, também que a gente pega o serviço, pronto. Você tá tão habituada com o serviço, que a gente tá acostumada com o pessoal, que o ambiente é tão bom, a gente se acostumou, pronto” (Mariana, 51 anos, casada, 3 filhos, ensino fundamental incompleto).

Outro ponto de destaque nas narrativas é o de pertencimento a uma comunidade: “gostar do trabalho” apareceu nos discursos fortemente vinculado a “gostar dos colegas”. Estes vivem situações semelhantes – no ambiente trabalho e na esfera privada – e têm empatia para compreender o sofrimento de suas vivências, compartilhar sonhos e trocar percepções sobre as vicissitudes cotidianas. A mediação dos colegas torna o local de trabalho um ponto de segurança, afetividade e acolhimento.

“Eu tenho bastante afinidade com bastante pessoal aqui, que eu acho que são meus, meus parentes, né. Minhas irmãs, que eu acho, né. É pai, mãe, tudo aqui, eu tenho tudo isso, então eu fico contente com isso” (Joana).

Segundo Sawaia (1995; 1999), a comunidade pode ser catalisadora da idéia de solidariedade e reciprocidade quando está apoiada em um movimento unificador das diferenças, tornando-se uma defesa da individualidade e da pluralidade contra a penetração massificadora da globalização. Neste caso equivaleria aos “bons encontros spinosanos” (Sawaia, 1999, p. 25) nos quais os indivíduos apossam-se de seus afetos e de suas percepções, sem abdicar da universalidade, sem

causar a exclusão do outro e sem pôr no outro o sentido da sua própria potência.

Contudo, esta relação comporta ambigüidade, pois as significações se transformam através das mediações que o sujeito vivencia em sua existência. Os mesmos colegas que oferecem amizade e tornam o trabalho mais agradável também são fonte de tristeza quando fazem intrigas, fofocas e confusões. As relações humanas são ambivalentes: em alguns momentos são prazerosas; noutros, enristecedoras.

“Eu ... deixa triste é as intrigas; não comigo, com colegas de trabalho, quando um não se dá bem com o outro, né. Aquele disquidisque. Então, um não fala com o outro. E eu acho assim, que o setor de trabalho tem que ter união, né” (Laura).

Quanto à importância relacionada ao trabalho, somente duas entrevistadas perceberam sua importância intrínseca, ou seja, compreenderam seu *valor social* – seja pelo aspecto *econômico* (sua força de trabalho gera mais-valia, isto é, produz riquezas), seja pelo *estratégico* (os funcionários representam a empresa perante o cliente), seja ainda pelo *social* (este trabalho é necessário para manter a limpeza e a ordem, sendo usufruído pelo pessoal do cliente; ou seja, é um trabalho que atende às necessidades humanas).

“Eu acho que é importante [o trabalho] pra o funcionário [do cliente] que trabalha lá dentro, quanto para o aluno. (...) Que ninguém como eu disse pra ti, ninguém vive no meio da sujeira” (Laura).

“Claro que é [importante]. Se não existisse a gente como é que a empresa ia ganhar dinheiro? Não tinha como ganhar. Que a gente que faz o serviço da empresa. A gente tem que fazer bem feito pra empresa dar o serviço pra gente e pra empresa continuar [no cliente]. Porque se a gente tapear eles tiram a gente daqui [do cliente], né. Tanto a gente como a empresa. Eu acho que é importante o serviço da gente” (Joana).

As demais entrevistadas não consideraram seu trabalho importante, por ser um serviço não-qualificado, feito por “qualquer um”; ou o conceberam *importante no negativo*, ou seja, seu trabalho só tem valor na medida em que elas não trazem problemas para a empresa, realizando suas atividades conforme as orientações. Nesta percepção, os corpos e as subjetividades empregados no labor ficaram subsumidos ou anulados, restando somente a *função* exercida.

“Ah, porque se não tá bom como eu faço, tem milhares que pode fazer. (...) Sempre tem um melhor que o outro, né. Então é por isso que eles nunca valorizam muito, assim, qualquer um” (Lúcia 24 anos, casada, dois filhos, ensino fundamental incompleto).

“Na minha opinião eu não dou problema nenhum pra empresa. Eu chego e faço as regras certinho, como eles colocam. (...) Cuidar do meu serviço certinho, pra não deixar falha pra ninguém chamar atenção, principalmente os fiscais [encarregados dos setores], a chefia, pra não incomodar, né” (Mariana).

Vários sentimentos de desvalorização emergiram nas entrevistas. A temática da remuneração oferecida pelo trabalho esteve presente na fala de todas as entrevistadas, geralmente associada a sentimentos de tristeza, depreciação e sobrecarga de trabalho – gerada pelo acúmulo de outras atividades para garantir a sobrevivência familiar.

“Não sei, acho que se a gente fosse valorizada a gente tinha um salário maior, né. Que é muito pouco o que a gente ganha. A gente trabalha assim, é uma coisa sofrida, né, cansativo. (...) Acho que o pessoal da limpeza deveria ser mais valorizado” (Rosa, 39 anos, viúva, dois filhos, ensino fundamental incompleto).

A teoria do valor-trabalho permite afirmar que, na medida em que este é fruto das relações sociais (Marx, 1867/1998), atividades pouco qualificadas e socialmente desvalorizadas recebem menores remunerações, independentemente do tempo de trabalho social investido na atividade e da importância deste para a sociedade. No caso do trabalho de limpeza e conservação há abundante oferta de mão-de-obra, geralmente de baixa escolaridade, e este serviço é alvo de certo desdém social. Esta teia de fatores deprecia o valor do trabalho desta categoria profissional, tornando-o mal-remunerado.

Contudo, os sentimentos relacionados ao salário também possuem ambivalência: se por um lado este suscita sentimentos de desvalor, porque não remunera a contento o tempo de trabalho social investido na atividade, por outro, gera um sentimento positivo, porque provê o sustento da família. Sarti (1996) destaca que a grande importância do trabalho para as pessoas de baixa renda está associada a este ser o instrumento que viabiliza a vida familiar: os homens e as mulheres não trabalham para si, e o sentido do

trabalho fica vinculado às suas atribuições familiares, segundo a lógica que caracteriza estas relações.

O “emprego de carteira assinada”, ou seja, amparado pela legislação trabalhista, foi mais um ponto positivo destacado nas entrevistas. Este recebe uma conotação de “segurança”, pois o salário mensal confere certa estabilidade financeira e assume importância estratégica na economia familiar.

“Porque é assim, o salário que a gente ganha aqui ajuda a gente, claro. Sem esse salário a gente não fica. São duzentos e poucos reais. Meu marido não tem carteira assinada, nada. (...) Ele não quer ter patrão, não quer ser mandado. Então tá bom. Mas no final das conta, nós somos mandada, mas no final das conta nós temos tudo nas mãos. Se ficar doente nos temo o INPS, né, nós podemos ficar encostada, nós temo o 13º [salário], nós temo o nosso fundo [FGTS], não é?” (Mariana).

Outro sentimento de desvalorização emergente na totalidade das entrevistas está relacionado à dificuldade de reconhecimento do trabalho de limpeza e conservação. Ele é *invisível*, isto é, só aparece no *negativo*, quando foi mal-feito ou ainda não foi realizado. O que tem evidência é a sujeira, pois esta comporta *materialidade*. A limpeza se integra tão perfeitamente no ambiente que geralmente não é nem notada. O reconhecimento deste tipo de trabalho se dá pela *falta* ou pelo *mal-feito*, levando o sujeito a se tornar presente justamente na *ineficiência de seu fazer*.

“Não são todos que sabem [dar valor] com relação ao pessoal que trabalha lá, nós terceirizados. (...) Mas quando tá sujo eles [os funcionários do cliente] reclamam. Quando tá limpo ninguém sabe chegar ali e dar um elogio, entendeu?” (Laura).

Esta característica aliada à desvalorização social da categoria dificulta o estabelecimento de uma *dinâmica de reconhecimento* (Dejours, 1999). “Quando a qualidade do meu trabalho é reconhecida, também meus esforços, minhas angústias, minhas dúvidas, minhas decepções, meus desânimos adquirem sentido” (Dejours, 2001, p. 34). Em contrapartida ao seu esforço, o/a trabalhador/a clama por *respeito e reconhecimento*. Esta é a dimensão positiva do trabalho, inscrita no significado moral atribuído a este, que legitima seu lugar na sociedade *enquanto trabalhador/a* (Sarti, 1996). Quando o respeito não é manifesto e o reconhecimento não ocorre, o sentido de

ser trabalhador/a fica destituído, esvaziado, dando lugar à insatisfação e ao sofrimento.

A ausência de reconhecimento desta categoria profissional foi denominada por Costa (2002) de “invisibilidade pública”. Para o autor, esta se encontra sustentada por motivações psicossociais e antagonismos de classe mais ou menos conscientes. O reconhecimento interpessoal perde espaço para o olhar objetivante e reificante, que só enxerga o resultado de uma função, abstraindo o sujeito que a executa.

“Que limpeza é cansativo. E as pessoas não dão tanto valor pra ti. (...) Tem professora que tu tá limpando e não tão nem aí. Os pais [dos alunos] chegam e mal olham pra ti, sabendo que tu tá limpando prum filhos deles. Mas alguns são muito educados, de cem tira um” (Rosa).

Outra forma de desvalorização narrada nas entrevistas refere-se às ações e palavras humilhantes dirigidas às serventes de limpeza. A terceirização demonstrou ser um estigma; É sentida como uma *vivência excludente* (o trabalhador terceirizado não recebe o mesmo salário, não tem direito aos mesmos benefícios, enfim, não goza do mesmo *status* que os funcionários da instituição para a qual presta serviço) e *depreciativa* (aqueles que realizam serviços de limpeza e conservação são muitas vezes considerados “inferiores” na hierarquia organizacional). O tratamento assimétrico denuncia que, na concepção de alguns funcionários e alunos de o cliente ser terceirizado e responsável pela limpeza é ser “inferior”, e ser funcionário ou aluno é ser “superior”.

“Que algumas pessoas [funcionários do cliente] tratam a gente, assim, com diferença, achando que a gente é da limpeza, a gente é ... é uma coisa diferente, né. Isso aí eu me sinto desvalorizada. Porque eu acho que é assim, que a gente é um ser humano, então eu acho que tem que tratar a gente de igual pra igual, né. Não é porque a gente é servente, que a gente limpa banheiro, limpa sala e eles não limpam, eles ficam lá no escritório, que eles não têm que valorizar a gente. Se a gente valoriza eles, eles têm que valorizar a gente igual. É isso que eu sinto” (Joana).

“O sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais” (Sawaia, 2001, p. 102). Sofrer é estar submetido à fome, à opressão, à desvalorização, à falta de dignidade, e é experimentado como *dor* por quem vivencia a situação social de ser tratado como inferior, sem valor ou inútil. É o indivíduo quem sofre, porém a gênese deste sofrimento está na intersubjetividade e

nos processos de mediação social, pois o indivíduo não é uma mônada responsável por sua situação e capaz de, sozinho, superá-la. Problematizar esta questão é uma forma de superar a concepção de que a única preocupação das pessoas pertencentes às camadas populares é a luta pela sobrevivência.

O sentimento de valorização surgiu timidamente nas entrevistas, geralmente relacionado a algum elogio recebido ou ao reconhecimento do trabalho por parte dos encarregados e da supervisora da própria empresa contratante e, mais raramente, do pessoal que usufrui dos serviços, ou seja, funcionários e alunos do cliente. Conservar a limpeza do local também foi descrito como uma forma de valorização do trabalho.

“Às vezes o meu fiscal [encarregado do setor] chega lá, eu digo: ‘Passa lá, vai vê meu serviço’. Ele diz: ‘Não Rosa, eu não vou ver, eu confio em ti, pra que é que eu vou ver?’ (...) Eu me garanto com as minhas funcionárias” (Rosa).

“Sim, eles demonstram é pelo elogio. (...) Então tu sabe que aquilo ali ela gostou, soube dar valor. Ou às vezes também quando ela mesmo vai ali e suja, ela mesmo corrige. Joga o papel no chão ela vai ali e bota na lixeira, então ela mantém o local [limpo]” (Laura).

Interessante notar que a grande maioria dos sentimentos positivos relacionados ao trabalho emergente nas entrevistas não está diretamente relacionada à objetivação deste. A positividade do trabalho apresentou-se vinculada ao seu reconhecimento mediado pelo olhar do outro, ao fato de o local de trabalho propiciar relacionamentos amistosos, por ser o trabalho fonte do sustento familiar e proporcionar certa segurança financeira doméstica. Somente uma entrevistada citou aspectos diretamente vinculados ao ato de limpar ou aos seus produtos como fonte de satisfação.

“Eu adoro arrumar as coisas direitinho, passar pano, ficar cheirozinho a sala, passar óleo nas mesas, passar cera na sala, a pessoa vai lá e sente assim, sei lá, poxa, ela fez com boa vontade aqui, deixou a sala bem cheirosa, limpinha” (Joana).

Este trecho apresenta um sentido positivo à subjetividade objetivada no ato de limpar. É possível perceber aqui uma relação afetiva perpassando as singularidades do sujeito que limpa e daquele que usufrui o espaço no qual o trabalho foi executado. Este sentido transcende o valor social do trabalho como

uma atividade que atende às necessidades humanas, dando-lhe uma *conotação estética e afetiva*.

Em suma, o trabalho de limpeza e conservação demonstrou ser importante e central na vida destas mulheres – por ser fonte de sustento, propiciar segurança financeira e favorecer contatos sociais extradomésticos. Estas características denotam a positividade do sentido de *ser trabalhadora*. Contudo, algumas peculiaridades das relações estabelecidas no trabalho o tornam fonte de insatisfação. Nos discursos destacaram-se vários sentidos negativos – não-reconhecimento, má remuneração, desvalorização profissional e pessoal. Estes aspectos são vivenciados na cotidianidade, surgindo com grande intensidade e emotividade nos discursos destas mulheres.

A dimensão de futuro

A compreensão dos projetos engendrados pelas mulheres entrevistadas revela, ao mesmo tempo, possibilidades e impossibilidades futuras e presentes. O projeto dá sentido às ações do sujeito, que se objetiva em direção ao novo, porém pautado nas condições de partida. “Impulso em direção ao ainda não existente e, simultaneamente, inserido em condições objetivas que a situação lhe impõe, o projeto é a própria práxis vivida no cotidiano” (Maheirie, 2002, p. 35).

Algumas entrevistadas narraram seus projetos enquanto *possibilidade*. Elas disseram almejar uma profissão considerada “melhor”, alicerçando seus projetos na retomada da educação formal via supletivo ou no desejo de conseguir uma qualificação profissional que lhes possibilite exercer uma atividade que não seja tão cansativa, cíclica e repetitiva e que tenha uma conotação social mais valorizada.

“Salário é pouco, é baixo. Por isso que as pessoas querem melhorar de profissão: pra ter um salário mais adequado ... Pra acompanhar o desenvolvimento e a economia do país, né. (...) E não digo que eu não tenho o sonho de conseguir alguma coisa. Tenho, esse é meu objetivo maior, né. Então por isso que eu enfrento essas batalhas todas [tripla jornada trabalho remunerado/doméstico/supletivo], essa luta toda, né” (Ana, 49 anos, separada, 3 filhos, cursando supletivo do ensino médio).

“Eu quero fazer um ... cursinho pra aprender a costurar. Eu queria ser costureira. (...) Ah, seria diferente, porque eu ia tá ... assim, fazendo uma coisa que pode servir pra outra [pessoa], assim, não limpar uma coisa que dali a pouco já tá tudo sujo de novo. Costureira faz, né, faz aquilo e não tem que

fazer de novo, só tem que fazer outras [roupas]” (Lúcia).

Outras entrevistadas demonstraram *impossibilidade* relacionada ao projeto, seja pela incapacidade de pensar o futuro seja por não entreverem probabilidade de seus projetos se realizarem. Se o agir torna-se infrutífero, pensar transforma-se em sofrer e passa a ser evitado: como a objetividade não traz esperança de concretização de seus sonhos, é melhor não sonhar mais e permanecer na área de limpeza e conservação.

“... que eles não vão dar chance pra gente. (...) Então vou ter que ficar de servente, ou eles me dão uma vaguinha como encarregada, né” (Joana).

“[Você gostaria de fazer outro trabalho no futuro?] Não me passou pela cabeça. A gente trabalha nesta área de limpeza, que a gente não estudou, não tem nem o que pensar, né. Eu acho que é isso e deu” (Rosa).

A falta de apreço social deste trabalho, acrescida da sua baixa remuneração e carência de perspectivas profissionais, faz com que ele seja pouco atrativo. A mudança de emprego foi um desejo manifesto em vários discursos, e sua efetivação, na maioria dos casos, ocorre se surgir alguma outra forma de inserção laboral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação do sujeito com as coisas, com a natureza e com o trabalho precisa ser resgatada, pois o sujeito *é* esta relação. Assim, todo sujeito é o seu trabalho, é a possibilidade de transformar o mundo, de criar, de se fazer subjetividade objetivada. O trabalho transcende a atividade em si, visto que está permeado pelo corpo e pela subjetividade do/a trabalhador/a, participando da construção da sua psique.

Os sentidos atribuídos ao trabalho de limpeza e conservação são múltiplos, principalmente em virtude da complexidade das identidades sempre em constituição, e se apresentam freqüentemente de forma ambivalente. Nas entrevistas realizadas predominaram manifestações de aspectos negativos imersas em grande força emotiva, pois o estabelecimento de significados e sentidos está atravessado por sentimentos e emoções pautados na cotidianidade (Sawaia, 1995). De modo geral, as relações vividas no trabalho causaram sentimentos de tristeza, desvalor, não-reconhecimento e, algumas vezes, de humilhação.

A maioria das entrevistadas não conseguiu falar de prazer ou de realização pessoal associados ao trabalho, e somente duas foram capazes de descrever sua importância intrínseca, ou seja, seu valor social.

A positividade do trabalho esteve presente no sentido de *ser trabalhadora*, ou seja, possuir um emprego formal amparado pela legislação trabalhista e deste ser fonte do sustento familiar – algumas vezes a única. Aqui reside um dos alicerces da centralidade do trabalho para as entrevistadas. Nas camadas populares, as pessoas trabalham visando ao coletivo familiar (Sarti, 1996); desta forma, o papel de provedora confere um importante sentido de identificação destas trabalhadoras com o trabalho. Outro ponto positivo levantado nas entrevistas está associado ao fato de o trabalho propiciar contatos sociais extradomésticos amistosos com os colegas de profissão, transformando este coletivo em uma comunidade (Sawaia, 1995; 1999), o que propicia sentimentos de pertencimento e acolhimento, podendo até tornar-se uma forma de resistência contra a sociedade que frequentemente as desvaloriza.

Considerando que a gênese da atividade de limpeza e conservação esteve marcada pelo sentimento de limitação das possibilidades de escolha profissional em virtude da baixa escolaridade e da necessidade financeira, e que este trabalho se objetiva na sociedade de forma pouco recompensadora e atrativa, as perspectivas de futuro descritas nas entrevistas tomaram dois caminhos: um pelo anseio de uma profissão mais valorizada financeira e socialmente, e outro pela resignação à situação atual, pautada no sentimento de impossibilidade de realização dos projetos sonhados ou mesmo pela incapacidade de sonhá-los. No primeiro caso, busca-se a possibilidade de transcender o cotidiano através de novas alternativas de objetivação (Sartre, 1960/1987); no segundo caso, ocorre a estagnação numa única possibilidade de ser.

Arendt (1958/1999) tece uma diferenciação entre *trabalho* e *labor* que serve com excelência para finalizar esta exposição. Para a autora, o labor é cíclico, repetitivo, servil, consumido em paralelo à sua realização, e é destinado à alimentação do processo da vida humana. Este sofre desde a antiguidade certo *desprezo social*, pois é resultante da cotidiana luta humana contra a necessidade, não resultando em obras dignas de serem lembradas. Já o trabalho encontra-se num patamar superior: este não prepara a matéria para incorporá-la ao processo da vida humana, mas transforma-a em algo a ser trabalhado, resultando num produto final. Assim, trabalho possui conotação perene e longeva, realiza uma obra *merecedora de admiração*. Seu emprego na era medieval assumia certa conotação de “feito heróico”, exigindo força e coragem na sua realização.

Mas a luta que o corpo humano trava diariamente para manter limpo o mundo e evitar-lhe o declínio tem pouca semelhança com feitos heróicos; a persistência que ela requer para que se reparem, dia a dia, os danos de ontem, não é a coragem, e o que torna o esforço tão doloroso não é o perigo, mas a implacável repetição. (Arendt, 1958/1999, p. 112)

O serviço de limpeza e conservação assume as características que a autora descreve para o labor. É cíclico e seu produto – a limpeza – é fugaz, pois assim que uma área recém-limpada começa a ser utilizada, inicia-se sua degradação e, conseqüentemente, um novo processo de limpeza e conservação. É repetitivo, dado que as tarefas que compõem este trabalho não possuem grande variabilidade nem trazem perspectiva de aprendizado. Não resulta em obra digna de ser admirada, já que seu produto é invisível, não comporta sequer materialidade. É servil, sendo freqüentemente desvalorizado na sociedade. Na servidão não há equidade, os tratamentos assimétricos por vezes resultam em ações e palavras humilhantes e inferiorizantes.

Estas características tornam difícil o estabelecimento de uma dinâmica de reconhecimento pelo trabalho executado (Dejours, 1999). Conforme narrado nas entrevistas, as relações estabelecidas em função deste trabalho freqüentemente o tornam fonte de insatisfação, gerando sofrimento. O conceito de sofrimento pertence à ordem do singular, porém, neste caso, sua gênese reside na intersubjetividade e nos processos mediados socialmente (Sawaia, 2001). O sujeito encontra-se impossibilitado de transcendê-lo por si só, o que pode gerar a sua paralisia e a objetivação do conceito.

O ser humano possui duas dimensões, a objetiva e a subjetiva; assim todo sujeito se constitui dialeticamente num movimento constante de tese/antítese. As significações sociais atribuídas a esta profissão podem gerar autodesvalorização, proporcionando um sentimento de *desqualificação do eu* (Jacques, 1996). É bom ressaltar que o ser humano é uno, inteiro em cada uma das suas formas de ser subjetividade objetivada. Assim, não é possível para o sujeito cindir sua existência no *trabalho e fora dele*, pois, do ponto de vista psicológico, a subjetividade forjada nas relações mediadas na esfera laboral não se restringe unicamente ao trabalho.

Estas mulheres se constituem nas dimensões de passado, presente e futuro e na pluralidade das inter-relações estabelecidas no ambiente doméstico, na família, na comunidade e na empresa, tentando viver uma vida que valha a pena ser vivida. Mediadas pela objetividade, forjam suas consciências, tecem seus

projetos, discutem seu dia-a-dia, trabalham, riem, conversam, pensam, repensam, vivem. Buscar a compreensão dos sentidos do trabalho de limpeza e conservação foi um modo de lançar luzes sobre estes atores sociais, por vezes tão invisíveis quanto o próprio trabalho que realizam. Terminei citando uma frase de uma destas mulheres, surpresa pelo convite para ser entrevistada – pela primeira vez na vida – para uma pesquisa acadêmica. Depois que eu expliquei os objetivos da pesquisa, ela disse, num misto de encantamento e espanto: “Puxa, querida, até que enfim alguém resolveu olhar pra nós!”.

REFERÊNCIAS

- Antunes, R. (1999). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Arendt, A. (1999, 9ª ed.). *A condição humana* (R. Raposo, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1958).
- Basso, I. S. (1998). Significado e sentido do trabalho docente. *Caderno CEDES*, 44(19), 19-32. Recuperado em 14 de dezembro de 2003, de <http://www.scielo.br>.
- Costa, F. B. da. (2002). *Garis: um estudo de psicologia sobre a invisibilidade pública*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Dejours, C. (1999). *Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho* (A. C. F. Reis, Trad.). São Paulo: Fundap; EAESP/FGV.
- Dejours, C. (2001, 4ª ed.). *A banalização da injustiça social* (L. A. Monjardim, Trad.). Rio de Janeiro: FGV. (Original publicado em 1998).
- Diogo, M. F. (2005). *De balde e vassoura na mão: os sentidos do trabalho para mulheres que exercem serviços de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Diogo, M. F. & Coutinho, M. C. (2006). A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. *Revista Interações*, 9(21), 121-142.
- Habermas, J. (1990, 2ª ed.). *Para reconstrução do materialismo histórico* (C. N. Coutinho, Trad.). São Paulo: Brasiliense. (Original publicado em 1976).
- Jacques, M. da G. C. (1996). Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. *Coletâneas da ANPEP - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia*, 11(1), 21-35.
- Lane, S. T. M. (1995). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. Em S. T. M. Lane. & B. B. Sawaia (Orgs.) *Novas veredas da psicologia social* (pp. 55-63). São Paulo: Brasiliense: EDUC.
- Maheirie, K. (2002). Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Revista Interações*, 13(7), 31-44.
- Maheirie, K. (2003). Processo de criação no fazer musical: uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Sartre e Vygotsky. *Psicologia em Estudo*, 2(8), 147-153.
- Marx, K. & Engles, F. (1981). *A Ideologia Alemã (I-Feuerbach)* (S. D. Chagas, Trad.) Portugal: Presença; Brasil: Martins Fontes. (Original publicado em 1845/46).
- Marx, K. (1998, 16ª ed.). *O capital: crítica da economia política* (R. Sant'Anna, Trad., Livro 1). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Original publicado em 1867).
- Merlo, A. R. C. (2002). Psicodinâmica do Trabalho. Em M. da G. Jacques. & W. Codo (Orgs.), *Saúde mental e trabalho: leituras* (pp. 130-142). Petrópolis: Vozes.
- Offe, C. (1989). *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da “sociedade do trabalho”* (G. F. Bayer, Trad.). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. (Original publicado em 1984).
- Pino, A. L. B. (1993). Processos de significação e constituição do sujeito. *Revista Temas em Psicologia*, 1(12), 17-23.
- Sarti, C. A. (1996). *A família como espelho: estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas/SP: Autores Associados.
- Sartre, J. P. (1987, 3ª ed.). Questão de método. Em *Os Pensadores* (pp. 109-191) (B. Prado Jr., Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1960).
- Sawaia, B. B. (1995). Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. Em S. T. M. Lane & B. B. Sawaia (Orgs.), *Novas veredas da psicologia social* (pp. 157-168). São Paulo: Brasiliense; EDUC.
- Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência: uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. *Revista Psykhe*, 1(8), 19-25.
- Sawaia, B. B. (2001, 2ª ed.). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. Em B. B. Sawaia (Org.), *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social* (pp. 97-118). Petrópolis: Vozes.
- Vygotski, L. S. (1992). Pensamiento y palabra. En *Obras Escogidas II* (pp. 287-348). (A. A. y P. del Río, Trad.). Madrid: Visor Distribuciones. (Original publicado em 1935).
- Vygotski, L. S. (1994, 5ª ed.). O instrumento e o símbolo no desenvolvimento das crianças. Em *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. (J. Cipolla Neto, L. S. M. Barreto & S. C. Afêche, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1930).

Recebido em 01/06/2006
Aceito em 20/09/2006

Endereço para correspondência: Maria Fernanda Diogo. Rua das araras, 61, Cidade Universitária Pedra Branca, CEP 88137-177. Palhoça-SC. E-mail: mafediogo@bol.com.br